

# Texto global da Carta está aprovado em 2º turno

Plenário começa a votar hoje destaques e emendas que podem modificar a nova Constituição

"Graças a Deus e aos constituintes", suspirou o presidente Ulysses Guimarães ao ver o painel eletrônico apontar a aprovação do texto global em segundo turno, ressalvados os destaques e emendas. Após o desfile das lideranças partidárias, pela tribuna do plenário, fazendo o encaminhamento da votação, o resultado indicou 403 votos sim, contra 13 não e 55 abstenções. O único líder partidário a se opor abertamente ao texto aprovado em primeiro turno foi o deputado José Lourenço (PFL), que pediu à sua bancada que se abstinisse. Ao final, no entanto, ele mesmo votou contra o texto. Os líderes do Governo, Carlos Sant'Anna e Saldanha Derzi, se absteram. A bancada do PT que até o momento da votação mantinha um suspense com relação a votar sim ou não, optou por acatar o texto. Hoje começam a ser votados os destaques e emendas ao projeto aprovado.

O plenário festejou a vitória com muito barulho e aplausos, relaxando após uma tarde de extrema tensão em que não faltaram os boatos de um golpe iminente. As 13h30 quando o corregedor Jorge Arbage deu início aos trabalhos, o ambiente do plenário demonstrava os sinais de desagrado com o pronunciamento que o presidente da República, José Sarney, havia feito no dia anterior, criticando os trabalhos da Constituinte. Mais de 20 parlamentares condenaram a conduta do Presidente. Houve até mesmo quem, como a deputada Tutu Quadros (PSDB-SP), conclamasse o povo "a não dar lobo a quem não sabe governar o País".

Antes de colocar o texto-base em votação, e depois de ter feito um discurso que deixou a todos emocionados, o presidente Ulysses Guimarães teve que ouvir

os líderes governistas tentarem, a todo custo, uma solução regimental que modificasse a forma de votação. Bonifácio de Andrada e Oliveira (PFL-PE) e Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) queriam que a votação fosse feita, capítulo por capítulo, e não de forma global. Com um ar entediado e tomando uma xícara de café, Ulysses Guimarães respondeu que ali não se tratava de aprovar o texto do Centrão ou da Sistematização, mas de um projeto aprovado em plenário por 280 votos. Sem permitir mais nenhuma questão de ordem, o presidente deu por encerrada a questão.

Por solicitação do deputado Ricardo Izar (PFL-CE) Ulysses Guimarães permitiu que a votação do texto-base fosse precedida por encaminhamentos. O primeiro a falar foi o líder do PFL, deputado José Lourenço, que atacou duramente a matéria aprovada em primeiro turno, dizendo que "a Constituição fará tão mal ao País que ele mesmo não irá aguentar". O líder, depois de pedir à sua bancada que se abstinisse de votar afirmou ser uma irresponsabilidade aposentar mais 7 milhões de pessoas, como indicia o novo texto. "E assim que querem? Pois assim vai ser", disse ele em tom ameaçador.

Coube ao líder do PTB, deputado Gastone Righi (SP), fazer o encaminhamento favorável. Segundo Righi, no primeiro momento ele mesmo apostou na proscritação da votação, por entender que as matérias a serem votadas, careciam de um acordo. "Queríamos o diálogo, e como o PMDB concordou com 21 dos 63 pontos que havíamos reivindicado, achei que para mim era o bastante. Por isso, vamos votar sim ao texto-base".

EUGÊNIO NOVAES



Na mesa, Ulysses Guimarães aplaude e é seguido pelo plenário: o projeto constitucional fora aprovado por ampla maioria de 403 votos

EUGÊNIO NOVAES



José Lourenço destacou as falhas do texto aprovado

## Quorum hoje será difícil

A Assembleia Constituinte tem sessão marcada para hoje às 13h30. Caso haja quorum, os constituintes começam a apreciar as emendas relativas ao préambulo da Constituição, que só poderão receber destaques supressivos até o fim da noite. Até ontem a planilha fechada para definir o procedimento das votações, que dependem substancialmente dos acordos que estão sendo tentados pelas lideranças partidárias.

A novidade para essa segunda fase das votações é a inexistência do instituto do Destaque de Votação em Separado (DVS), abolido pelo presidente Ulysses Guimarães. De acordo com sua justificativa, o plenário não poderia se valer deste instituto para corrigir um texto já aprovado previamente por 280 ou mais votos. "Não se trata de modificar um projeto, mas de apenas dar uma redação final a um texto plenamente aprovado".

## Ulysses temia a rejeição

"Foi uma votação consagrada, mostrando até o espírito de unidade e de defesa da Constituição, e o desejo de continuar a luta". Assim o presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, definiu a aprovação do projeto constitucional. Ele confessou que estava preocupado com a votação, e disse entender que se o texto fosse rejeitado, haveria risco de uma crise.

— Se houvesse a rejeição do texto, o que seria uma verdadeira insanidade, em que ficaríamos? Em primeiro lugar, ficaríamos regidos pelo texto atual, que é autoritário. Em segundo lugar, haveria a desconfiança profunda ao mundo civil, ao mundo político. E as águas turvas viriam, e nestas ocasiões não faltam os pescadores de águas turvas.

Ulysses negou um rompimento com o governo, observando que em seu discurso mostrou "o sentido humano, cristão e social da Constituinte".

— Quem age desta forma tem sentimentos de fraternidade para com todos os brasileiros, inclusive com o Presidente da República, é claro. Não se deve colocar nenhuma relação, principalmente de crítica, quanto ao Presidente da República.

O presidente da Constituinte enfatizou que não estava dando resposta a ninguém, e que quis, em um pronunciamento como em outros que tem feito, "situar o segundo turno de votação, colocar o projeto frente ao Brasil".

Ulysses estava exultante. Ele disse que ontem foi vencida uma etapa "importantíssima", e que o resultado da votação havia superado suas melhores expectativas. Reafirmou

que sempre acreditou na aprovação do texto, mas destacou que temia um adiamento da votação, o que iria gerar "grande intranquilidade à Nação". Por esse motivo, tomou todas as providências para que a votação ocorresse.

— Eu insisti, disse "vamos à votação". Ainda hoje, alguns tinham receio de que pudesse haver uma bandada, uma retirada. E eu disse: "Vamos votar". Eu assumi o risco deste conselho. Fiquei muito satisfeito porque votamos, e agora não haverá maiores problemas.

Ulysses disse ainda que momentos "com mais tensão como desta vez" podem acontecer no sistema democrático, e são assimilados pela democracia, que absorve "até mesmo as guerras". Indagado sobre se seu discurso mudou — "Eu insisti, disse que não caberia a ele fazer tal avaliação. Mas acrescentou que constituintes que o procuraram lhe disseram que seu pronunciamento colaborou bastante para que a votação fosse "consagrada".

Cumprimentado por vários líderes, e depois de ter sido muito aplaudido em plenário, Ulysses afirmou acreditar que até agora a Constituinte resgatou seus compromissos. Lembrou resultados de pesquisas que indicaram um percentual entre 46 a 50% a favor dos trabalhos da Assembleia — aprovada sobretudo pelas classes mais humildes —, e disse que o texto, "que ainda precisa ser aperfeiçoado", dá ao País "condições de progresso, de desenvolvimento, de justiça social, de um governo que se aproxime dos necessitados e daqueles que têm carença".

O presidente José Sarney telefonou por volta das 18 horas de ontem, de Tefé, no Amazonas, para o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, determinando que transmitisse à imprensa que não comentaria o resultado da votação da Assembleia Nacional Constituinte, porque "o que eu tinha a dizer à Nação eu o fiz no pronunciamento de ontem à noite". O curto recado foi transmitido por Costa Couto por volta das 18h30, depois de insistentes apelos dos jornalistas para que o Governo se pronunciasse sobre a questão. O ministro disse que a aprovação global do projeto não foi uma derrota do Poder Executivo, já que "não havia nenhum projeto do Governo sem ser votado".

O ministro observou que a mesma postura foi notada entre os principais líderes, iniciando-se, desta forma, uma fase de revisão do processo constituinte e do projeto constitucional. Depois desta declaração ele não quis mais fazer comentários. Quando um repórter perguntou como este via o fato de alguns líderes do governo e do PFL terem votado a favor da anistia, Costa Couto pediu desculpas, afirmando que sobre o assunto conversaria na manhã de hoje.

O presidente Sarney passou o dia em Tefé, no Amazonas, onde foi presidir a solenidade de início da produção de petróleo do complexo Uruçu. Ele foi de lear jet, porque o boeing presidencial sofreu um vazamento hidráulico. Ele desembarcou na Base Aérea de Brasília às 21h55, 15 minutos antes da hora marcada no programa oficial.

Há 1.844 emendas apresentadas a esse projeto e mais 1.700 destaques. Oitenta e sete por cento dos constituintes, exatamente 485 constituintes, apresen-

taram emendas. Isso significa que a Constituinte quer alterar o texto resultante do primeiro turno. O próprio Dr. Ulysses Guimarães, em seu pronunciamento ontem na Assembleia Nacional Constituinte disse: "O texto abriga imperfeições. Elas existem, reconhecemos. Vamos corrigi-las. Estou certo" — lembrou Costa Couto.

## Sarney avisa: já falou tudo

### Planalto vive clima de tensão

JOZAFÁ DANTAS Da Editoria de Política

Com a viagem do presidente José Sarney a Tefé, no Alto Amazonas, onde foi presidir a solenidade de início da produção comercial de petróleo do complexo Uruçu, a atenção do País foi concentrada no quarto andar do Palácio do Planalto, onde ficam os gabinetes dos ministros-chefes do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto; do SNI, Ivan de Souza Mendes; e do Gabinete Militar, general-divisão Rubens Bayma Pennys, que viajou acompanhado de Sarney. Durante o dia houve uma grande movimentação no gabinete de Costa Couto, com sucessivas reuniões com o chamado "pessoal da Casa". O assessor parlamentar, Henrique Hargreaves, foi despachado para o Congresso Nacional com a missão de retirar os votos favoráveis ao projeto, que estará sendo votado e aprovado pela Constituinte.

O clima, à tarde, começou tenso. Os repórteres procuraram o porta-voz, jornalista Carlos Henrique Almeida Santos, que não tinha ainda nenhuma informação. Eles foram, então, tentar encontrar o consultor-geral da República, Saulo Ramos, que não se encontrava em seu gabinete, pois estava em reunião no Gabinete Civil com o ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, e com técnicos do Governo. As informações eram desencontradas. Por volta das 17h15, Arantes foi ao gabinete e voltou com a informação de que havia a "preocupação de falar o mais rápido

possível", apenas não sabia se o ministro ia falar. Os ministros Ivan de Souza Mendes e João Batista de Abreu não procuraram fugir da imprensa, embora não tenham dado informações aos jornalistas. Ao contrário, o consultor-geral Saulo Ramos, ao perceber a presença dos repórteres, fugiu pelo elevador privativo. Ele, foi um dos principais mentores do pronunciamento do presidente Sarney, feito na noite de terça-feira.

Encerrando o clima pacífico, o porta-voz, ao anunciar que Costa Couto falaria com a imprensa, repetiu várias vezes que não era uma entrevista, mas apenas um relato do que ele tinha conversado com Sarney, por telefone, por volta das 18 horas. Depois da entrevista, Costa Couto parecia tenso, e diante das perguntas feitas sobre o comportamento de alguns líderes do Governo e do PFL, que votaram contra pontos que o Governo quer suprimir, ele disse que podia conversar hoje pela manhã. "Por favor, acreditem em mim", apelou o ministro, encerrando a sua conversa.

## Sarney demorou, diz empresário

Da Sucursal

São Paulo — Um bom pronunciamento do presidente Sarney, abordando todos os pontos defendidos pela classe empresarial mas feito um pouco tarde demais para que possa sensibilizar a sociedade a pressionar os constituintes por alterações no segundo turno de votação. É com esse sentimento, misturado à incerteza no processo constitucional, alimentada por boatos de modificações no ministério, que os empresários paulistas receberam a fala do presidente José Sarney em cadeia de televisão na noite de terça-feira. "Foi um pronunciamento muito bom mesmo. Ele falou com convicção sobre todos os pontos que devem ser alterados, mas acho que deveria ter falado antes", disse ontem o presidente do Sindipeças, Pedro Eberhardt, um dos maiores exportadores do Brasil. "Estávamos aguardando um pronunciamento desse tipo em outra oportunidade. Agora não sei se poderemos mudar alguma coisa", acrescentou o diretor de relações sindicais da Fiesp, Roberto Della Manna.

Os dois empresários concordam que o Presidente deu o enfoque certo aos principais pontos polêmicos da Constituinte, alertando para o fato de que a sociedade terá de arcar com o pagamento dos benefícios aprovados para setores da iniciativa privada e para funcionários públicos, além da anistia a micro e pequenos empresários. "O que temos de pensar é na viabilidade da economia brasileira com um todo, para evitar que empresários e trabalhadores sejam prejudicados", assinala Della Manna, explicando estar empenhado ainda em lutar pelo entendimento entre os principais agentes econômicos. "Esse pacto deve ter a contribuição do Governo, mas não como estão falando os ministros da área econômica, que querem diminuir o prazo de recolhimento dos impostos", observou.

O presidente do Sindipeças evitou uma análise mais detalhada das repercussões do pronunciamento presidencial na economia brasileira, dizendo-se inseguro quanto aos rumos do processo político-institucional a partir de uma reação do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, à fala de Sarney. Com a aprovação do projeto todo do primeiro turno, entretanto, esse quadro deve ficar menos preocupante, segundo ele. "Os dois (Ulysses e Sarney) vão acabar se sentando à mesa e chegando a um acordo", previu.

Já o presidente da Associação Brasileira de Indústria eletroeletrônica, Aldo Lorenzetti, preferiu, analisar a fala do Presidente como um alerta à sociedade.